

Lula embaralha sucessão na TV Cultura

Liliana Lavoratti

Projeto da TV federal torna ainda mais delicada troca no comando da emissora paulista.

A movimentação nos bastidores para a sucessão no comando da TV Cultura de São Paulo, que já fervilhava semanas atrás, ficou ainda maior depois que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva revelou sua intenção de criar no segundo mandato uma rede pública de rádio e TV. A nova direção da Fundação Padre Anchieta - gestora da TV e das Rádio Cultura AM e FM -, que será definida neste mês e assumirá em junho para um período de dois anos, é quem vai conduzir a atual emissora não comercial mais importante do País. Em tese, a única que teria condições de fazer eventual contraponto à nova TV pública vinculada ao governo federal.

Além do novo contexto que muda a correlação de forças dos meios de comunicação - e com repercussão direta no âmbito das emissoras educativas e afins -, o mandato da próxima direção da TV Cultura coincide com as eleições municipais de 2008 e com o esquentamento da corrida presidencial de 2010. Diante desse quadro, o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), um dos fortes pré-candidatos ao Palácio do Planalto, politiza a escolha da direção da emissora, pois tem à frente um duplo desafio: fortalecer sua estrutura perante o que poderá significar o canal nacional de TV do governo Lula e, ao mesmo tempo, colocar no comando da Cultura alguém desvinculado do ex-governador Geraldo Alckmin.

O atual diretor-presidente da Fundação Padre Anchieta - e presidente da TV Cultura -, Marcos Mendonça, foi indicado por Alckmin.

Também torna mais relevante a definição do comando da emissora a possibilidade dela se transformar em cabeça de rede de todas as TVs culturas do País. A cabeça de rede tem a coordenação da programação das demais. Se isso acontecer, a Fundação Padre Anchieta, vinculada ao governo José Serra, teria o controle da programação de todas as TVs culturas do País. Informações não confirmadas também dão conta que Mendonça e o ministro das Comunicações, Hélio Costa, teriam iniciado conversações, posteriormente interrompidas, no sentido de transformar a TV Cultura cabeça de rede da emissora em gestão no Planalto.

Hoje, através de convênios, a emissora está presente na estrutura da TV Câmara Municipal de São Paulo, TV Assembléia (SP), TV Justiça (STF) e TV Tribunal Superior Eleitoral, TV Procuradoria Geral da República (PGR) e se prepara para entrar em esquema semelhante no Tribunal Regional Federal de São Paulo.

Segundo um conselheiro da Fundação, depois de nomear novos integrantes do conselho que elegerá a nova direção, Serra teria mencionado até as características do sucessor de Mendonça: alguém "bem jovem, que deverá levar a emissora para um perfil suprapartidário". Segundo as mesmas fontes, está decidido que Mendonça não fica.

As especulações são de toda ordem e, na bolsa de apostas, vários nomes já foram cogitados: do atual presidente da Radiobrás, Eugenio Bucci; do apresentador do programa "Roda Viva", um dos mais politizados da grade da emissora, Paulo Markun; e do economista e jornalista Gustavo Lochpe. De todos, os nomes mais fortes são de Bucci, que pediu demissão da Radiobrás em outubro passado (ainda não aceita), e de Paulo Markun.

Entretanto, eles negam que sejam candidatos, a começar pelo próprio Mendonça. Embora em campanha pela reeleição, ele diz que esse assunto só compete ao conselho. "São os membros do conselho que decidem isso", desconversou Mendonça em entrevista a este jornal. Um dos cabos eleitorais de Mendonça é o jornalista Salomão Schwartzman, que tem programa na Rádio Cultura. "Apóio a continuidade da gestão de Marcos Mendonça porque ele deu um impulso forte à TV Cultura e às duas emissoras de rádio que pertencem à Fundação", diz Schwartzman.

Apesar de ter seu nome cogitado na mídia como um dos prováveis indicados para o lugar de Mendonça, Eugênio Bucci garante: "Não sou candidato e não estou nessa disputa". Ele conta

que só soube de sua suposta indicação à presidência da Fundação Padre Anchieta pela própria mídia. Procurado pela reportagem, Markun não quis se manifestar.

Para ser eleito, o candidato deve ter maioria dos 47 votos, o que significa a preferência de pelos menos 24 conselheiros.

"Chapa branca"

Assim como o presidente Lula dá cunho político para um canal nacional de TV - que promete não criar um veículo "chapa branca" -, o governador José Serra está sendo criticado por alguns setores por ter assumido postura semelhante no caso da sucessão na TV Cultura. "Ao influenciar na definição da direção da Cultura, Serra está fazendo o que seus antecessores fizeram e os tucanos criticam no Lula", afirmou um parlamentar do PSDB que preferiu não ser identificado. Ou seja, a politização da troca no comando da TV Cultura e o risco da emissora permanecer caracterizada como "chapa branca".

É voz corrente que o interesse de Serra é controlar também o Departamento de Jornalismo. O próximo presidente não teria a prerrogativa ou independência para escolher o diretor de jornalismo, segundo outra fonte.

O maior orçamento entre as 26 mais importantes TVs educativas e institucionais do País, a Cultura de São Paulo tem parte de seus recursos oriundos do orçamento do governo estadual.

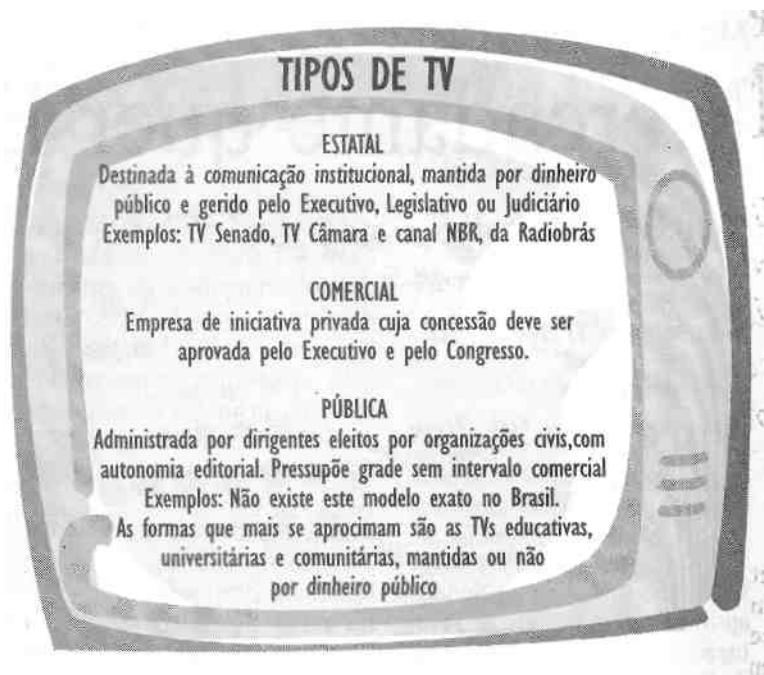
Embora na última gestão a emissora tenha tentado viver com as próprias pernas, o fato de ainda depender de verbas oficiais deixa a TV Cultura susceptível a interferência do Palácio dos Bandeirantes.

A receita própria da TV Cultura teve um salto de 155% em três anos. Passou de R\$ 14,2 milhões, em 2003, para R\$ 36,2 milhões, no ano passado. Esse resultado significou uma participação de 33% da receita própria da emissora em relação a 2003, quando essa participação era de 14%. Em relação à receita do governo o valor teve uma queda de 13%, passando de R\$ 86,2 milhões, em 2003, para R\$ 74,7 milhões, em 2006.

O presidente Lula, por sua vez, quer expandir o poder de comunicação do Executivo federal, hoje dono da TV Educativa do Rio de Janeiro e da TV Nacional. Não quer repetir o primeiro mandato, marcado por divergências com os meios de comunicação, especialmente a campanha presidencial de 2006.

O presidente Lula encarregou o recém-nomeado ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social do governo, jornalista Franklin Martins, para desenvolver a proposta de uma TV pública educativa, um projeto que deverá custar em torno de R\$ 250 milhões.

O anúncio da idéia alertou a oposição, para quem a emissora serviria para dar publicidade às realizações do governo, insinuando o risco de manipulação político do noticiário - justamente num período eleitoral.



Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 4 abr. 2007. Política, p. A10.